

A busca da cidadania e o encontro com a tecnologia de computadores: o caso do “menino de rua” Marcel¹

Carmen Lúcia Guimarães de Mattos UERJ
Karina Franklin Guimarães UERJ

Resumo

Marcel² participando do projeto TEJA³, revelou disposição à mudança, necessidade de expressão criativa, busca por oportunidades de vivências de cidadania plena. Marcel apresentava uma postura tímida, dificuldades de escrever e de participar das tarefas propostas. A interação entre a equipe de instrutores e os meninos e meninas propiciou uma série de mudanças em Marcel, na equipe, na UERJ e na ONG, Se Essa Rua Fosse Minha. Marcel chegou ao TEJA como um típico menino de rua. Mudou sua atitude, escreveu textos significativos, rompendo a barreira do “não saber escrever bem” destacando-se como líder, inclusive saindo das ruas. Tentaremos revelar a importância que a pesquisa tem quando promove interação entre jovens destituídos de escolarização, computadores e graduandos, na busca de cidadania plena.

¹ Este texto contou com a colaboração direta na redação final das assistentes Sandra Maciel de Almeida e Maria Luiza Sússekind Veríssimo. Contou com a participação indireta de todos os assistentes de pesquisa envolvidos no projeto TEJA/UERJ na fase de coleta de dados, são eles: Walcéa Ferreira, Cleonice Puggian, Marcilene de Andrade Vieira, Cristhiane S. de Albuquerque Souza, e David. Contou ainda com a colaboração do EDAI na pessoa da Prof^a Beatriz Helena Alcântara Magno da Silva e finalmente, da ONG “Se essa rua fosse minha” pelo envolvimento de Armando, Cláudia, e dos meninos de rua. A todos agradecemos a generosidade e possibilidade de execução do projeto.

O estudo de caso: Marcel

Neste texto apresentamos um estudo de caso do “menino de rua” Marcel. Partimos da tese de que a pesquisa propiciou um ambiente interativo levando-o a estabelecer relações com a equipe e durante este processo modificou profundamente sua vida. Levantamos a hipótese de que esta mudança se deu devido à interação entre alunos monitores e “meninos e meninas de rua”.

Abordagem etnográfica², utilizada nessa pesquisa faz com que entendamos que os participantes são atores sociais importantes e parceiros na construção do conhecimento acadêmico. Acreditamos que esta abordagem facilitou a modificação das práticas cotidianas de Marcel observadas nesta pesquisa.

Tentaremos demonstrar que a participação de alunos e alunas de graduação na equipe de pesquisa pode contribuir para a formação profissional de educadores sensíveis à realidade social (BERNSTEIN; 103/104)³. Bem como o delineamento da pesquisa pode favorecer, em si, o envolvimento dos participantes promovendo mudanças em suas vidas. O texto contribui para ilustrar como as pesquisas podem ser um instrumento de transformação e formação dos sujeitos envolvidos (SANDHOLTZ, at ali., 1997; Freire,1997).

Estudamos o caso do Marcel devido ao impacto que nos causaram as mudanças observadas. As mudanças foram radicais: da parte dele - no comportamento, na imagem e na produção escrita; e de nossa parte - na colaboração, no respeito, na postura.

Através de observação participante, entrevista, e análise de vídeos, registramos e analisamos as mudanças, ocorridas no segundo semestre letivo de 1997.

Inicialmente, Marcel parecia ser uma pessoa tímida, demonstrando ter dificuldades de escrever e se expressar através da escrita. Parecia não interessar-se pelas tarefas

² Nesta pesquisa utilizamos a abordagem etnográfica orientada pelo trabalho de Frederick Erickson, sobre etnografia da escola e análises interativas face a face e de Adam Kendon sobre análises de vídeo e formação em F como reveladora das interações no ambiente social.

³ Nas análises deste tema nos inspiramos em Bernstein quando teoriza sobre pedagogia visível e invisível, em especial neste trecho a seguir retirado de seu livro “A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos, e controle: *“No caso de uma pedagogia invisível, as regras discursivas (as regras de ordem da instrução) são conhecidas apenas pelo transmissor e, neste sentido, uma prática pedagógica desse tipo é (ao menos inicialmente) invisível para o adquirente, em vez do transmissor, que parece preencher o espaço pedagógico. Está mais manifesta a presença concreta do adquirente do que o passado abstrato/abstraido do discurso controlador”* (Bernstein, B. (Pág. 103/104).

propostas (trabalhos realizados no Creative Writer© e no Word ©). Igualava-se assim aos outros meninos e meninas. Não raro, demonstrava este desinteresse, através das idas ao banheiro ou se dizendo cansado, com preguiça, falta de disposição para escrever. Fugindo, sempre que podia, da situação de escrita de modo a não se expor. Reforçava suas dificuldades de escrever. Um certo acanhamento demonstrado por Marcel, dificultava sua interação conosco. Ele parecia não querer mostrar sua insegurança quanto à escrita, criava dificuldades para trabalhar com o auxílio do monitor solicitando-lhe que fizesse o trabalho em seu lugar. Na tentativa de estimulá-lo aos trabalhos fazíamos alguns por ele e com isso, sugeríamos o que poderia ser feito, motivando-o a iniciar a tarefa.

Neste pequeno diálogo, destacado dentre várias horas de vídeo, Walcéa, uma das monitoras, toma a iniciativa de solicitar a Marcel que inicie um trabalho pelo título, como sugeria o programa. Marcel, ainda disperso e sem iniciativa, passa a interessar-se pela tarefa chegando a propor um novo trabalho. Marcel inicialmente necessitava de auxílio dos monitores passando progressivamente a um trabalho independente.

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none">- Dá um título. Dá um título aí. (Walcéa)- Como assim? (Marcel)- [...] Desse tamanho? Com um título desse tamanho? (Walcéa)- Qual cor? [...] Vou fazer aqui mais alguma coisa. (Marcel)- Se você quiser fazer. (Walcéa)- Já, já. (Marcel)- Quer mudar de folha? (Walcéa)- Vamo fazer outra coisa. [...], um desenho. (Marcel) |
|--|

No decorrer do processo, começamos a nos habituar com as interações e isto facilitou sua receptividade à nossa presença. Vencendo a barreira de “não saber escrever”. Marcel começou a produzir os textos. Sua narrativa continuava apresentando problemas lógicos, ortográficos e gramaticais. No entanto a sua relação com a escrita foi alterada. Houve uma mudança: desafiado ao trabalho e progressivamente à escrita do texto auxiliado pelo monitor ele foi vencendo as barreiras que o impediam de escrever e imprimir o texto escrito. Quanto mais próxima e pessoal era sua relação com o monitor

melhor era o seu desempenho.

A mudança acadêmica relatada foi importante, principalmente por atender ao objetivo da pesquisa – desenvolvimento da escrita. Outras mudanças evidenciadas simultaneamente foram do mesmo modo importantes.

Uma delas foi a imagem pessoal do Marcel. Percebemos que ele buscava nos outros um novo olhar sobre si mesmo. Enquanto ele se via de forma diferente ele também mostrava uma aparência diferente. Tinha um jeito largado e descuidado que foi mudando durante sua participação no projeto. Um mês depois, chegava à UERJ todo arrumado e perfumado. Marcel, durante a entrevista, assumiu gostar de vestir-se bem, revelando que voltou a se interessar por esse aspecto de sua vida. - *Eu sou um menino que não ligo pra roupa de marca não [...] Mas eu gosto de andar bem arrumado, dentro do normal, é claro!*

A imagem de Marcel pode ser registrada em vídeo, fotografia, inúmeras vezes no final da pesquisa. No entanto isto não havia sido possível no início do trabalho porque muitas vezes Marcel fugia das câmeras para não se deixar registrar.

A terceira mudança observada foi quanto a interação de Marcel com a equipe e com os outros participantes. Ele liderava o grupo, tornou-se independente no manuseio do computador e dos programas. Solicitava que o monitor auxiliasse seus colegas em suas dificuldades. Esta mudança pode ser demonstrada pela conversa entre ele e Walcéa, diz solicitando que Walcéa se aproximasse de Robert para auxiliá-lo: - *Fica lá com ele. Ele não sabe mexer. Ah vai mexer de lá, hó!*

Percebemos que, aos poucos, Marcel diferenciara-se dos demais.

A entrevista: um dia na vida de Marcel

Realizamos uma entrevista etnográfica caracterizada pelo acompanhamento de um dia na vida de Marcel. Percorremos as ruas do Rio de Janeiro enquanto ele nos relatou sua trajetória como menino de rua no “passado” e hoje. Perguntamos como era sua vida nas ruas. Marcel, descontraído, contou histórias de como foi a sua chegada ao Leblon⁴, onde viveu dos seis aos dezessete anos de idade (até o dia anterior à entrevista). Falou como era duro sobreviver nas ruas da Zona Sul. Explicou que após a morte de sua avó, com quem morava em uma favela no subúrbio carioca⁵, ele mudou para este bairro, sem

⁴ Bairro de zona sul do Rio de Janeiro habitado quase exclusivamente pela elite econômica.

⁵ Sobre este tema análises realizadas por vários autores no recente livro “Um século de favela”

dinheiro, sem comida, sem um lugar para tomar banho, usando roupas sujas e carregando colchões para dormir. Marcel relatou a falta de um lugar fixo para morar. Onde pudesse viver mais dignamente, sem ter que se esconder das pessoas que o maltratavam, como os seguranças de bares ou restaurantes, policiais e até seus companheiros de rua. Mostrando como era difícil passar o dia na rua disse:

- Na rua uma das coisa ruim é que você é muito ofendido, entendeu? Até pelos seus próprios amigos, se você não quiser roubar, eles começam a te ofender, a te chamar de inhaca⁶.

Falando um pouco mais sobre pessoas que o maltratavam, Marcel mostrou indignação. Contou sobre um policial militar, nas horas vagas segurança de um bar, seu codinome é Paulo Paulada:

- Paulo Paulada é um homem, o apelido dele é Paulo Paulada. Ele é segurança e polícia do batalhão. Quando ele pega alguém cheirando cola, essas coisas, a pessoa pode não ser ladrão, nem morar nas ruas, pode ser inocente, ele vem pra cima pra pegar mesmo.[...] Ele dá assim pou, pou, pou, pou, e não quer saber em quem está pegando não.

Manifestou sua vontade de deixar as ruas e abandonar as drogas e que parou de se drogar sem a ajuda de ninguém.

- A cola acaba com a mente das pessoas, acaba com a mente da pessoa, por isso que eu parei de usar droga. Pô eu não uso nunca mais na minha vida. Cola também não porque enfraquece a mente.

Disse ter deixado de roubar, tentando levar uma vida “comum”, procurando trabalho e

organizado por Zaluar, A. & Alvito, M, nos remetem as relações entre favela e zona sul do Rio, explicando sobre a convivência entre a classe popular das favelas e a elite socio econômica que a rodeia.

⁶ Segundo Marcel, inhaca é um termo pejorativo usado pelos meninos de rua quando alguns de seus

estudando. No dia em que realizamos a entrevista ele estava mudando-se para um abrigo chamado Casa da Vila, no Maracanã Lá teria oportunidade não só de deixar as ruas mas procurar um emprego e voltar à escola. Ele demonstrou sua felicidade e expectativa pela vida, no que poderia ter:

– Agora eu vou ter a minha casa, bem dizer que eu vou tá lá, minha casa. Porque lá é um tipo de casa. [...] Ó lá, eles só ficam, só ficam o pessoal que faz atividade, que quer trabalhar e que quer mudar mermo. [...] Tem que amostrar que quer sair da rua e tenha força de vontade. Eu mostrei pra eles que eu tenho essa força de vontade. [...] Entrar pro abrigo drogado isso não pode existir. [...] Tem que respeitar os educadores, né. Realmente tem que respeitar. [...] Vou começar a correr atrás, vou tentar, tentar, tentar, vou no pequeno jornaleiro. [...] Ó acordar às cinco horas da manhã e entregar jornal.

As duas mudanças destacadas anteriormente reforçam a atitude de Marcel no sentido de desvincular-se da identidade “menino de rua”. Na entrevista, especialmente através da observação participante, evidenciou-se sua preocupação em construir uma imagem e buscar uma nova vida, como podemos observar no trecho da entrevista abaixo:

- Você só anda sozinho, porquê? *(Sandra)*
- Porque eu não gosto de andar com meninos de rua, misturado não. *(Marcel)*
- [...] Qual a diferença de andar sozinho ou misturado? *(Sandra)*
- Porque eles aprontam muito, roba... *(Marcel)*

Considerações Finais

Neste trabalho relatamos o processo de mudança de Marcel. Revelamos a importância e implicações que a pesquisa tem quando promove a interação entre jovens destituídos de escolarização, computadores e graduandos. Demonstramos como a escrita fundamentada na vivência desses jovens revela o desabrochar da criatividade e sabedoria, alicerçando um caminhar menos excludente na busca da cidadania plena. A

credibilidade é atribuída ao discurso do Marcel mais por seu movimento afetivo e através da construção de uma imagem do que aos fatos excludentes vivenciados por ele. Importa-nos menos a factibilidade de sua mudança que sua intencionalidade. Segundo TANNEN (1998)⁷ existem dois lados em qualquer questão, ela nos alerta para a complexidade desta oposição assim como das possibilidades existentes no equilíbrio entre ambas, no caso de Marcel este equilíbrio encontra-se no movimento de mudança.

Buscamos delinear, a partir do caso de Marcel, como o Projeto TEJA foi espaço adequado não só para superação de seus objetivos iniciais mas permitiu a observação de outros processos paralelos de igual valor para pesquisas etnográficas da área de Educação. Acreditamos que o TEJA pode não ter garantido a mudança na vida de Marcel, mas durante a pesquisa pudemos registrar seu movimento em busca da cidadania plena.

Bibliografia

- TANNEN, D. (1998) *The Argument Culture: Moving from Debate to Dialogue*, New York.; Random House.
- FREIRE, P. (1997) *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro; Paz e Terra.
- BERNSTEIN, B. (1996) *A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle*, Petrópolis; Editora Vozes.
- KHALFA, J. (org.) (1996) *A Natureza da Inteligência*, São Paulo; Editora Unesp.
- TANNEN, D. (1998) Fighting for our lives in: *The argument culture: moving from debate to dialogue*. New York: Random House,
- SANDHOLTZ, J. H. at ali. (1997) *Ensinando com tecnologia: criando salas de aula centradas nos alunos*. Porto Alegre; Artes Médicas.
- ZALUAR, A. & ALVITO, M. (orgs) (1998) *Um século de favela*. Rio de Janeiro; Fundação Getúlio Vargas Editora

⁷ O texto a que me refiro diz o seguinte: “Our determination to pursue truth by setting up a fithg between two sides leads us to believethat every issue has two sides - no more, no less: If both sides are given a forum to confront each other, all the relevant information will emerge, and best case will be made for each side. But opposition does not lead to truth when na issue is not composed of two opposing sides but is a crystal of many sides. Often the truth is in the complex middle, not the oversimplified extremes”. (Tannen; pág. 10)